

Uma visita política

A visita que o presidente Fernando Henrique Cardoso fará nos próximos dias ao sul da África terá caráter eminentemente político. Recorde-se que o presidente da República já esteve para visitar Angola, a caminho de Lisboa, onde assinou o ato de constituição da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Adiou a visita, a tempo, por razões de política doméstica, às quais seguramente se acrescentaram as condições instáveis da política angolana, naquele momento particularmente agitadas pela recusa do líder da Unita, Jonas Savimbi, em assumir uma das vice-presidências do país, ao lado do presidente José Eduardo dos Santos. Na mesma época, e por idênticos motivos, o presidente Nelson Mandela cancelou visita programada a Luanda. A instabilidade angolana, de fato, recomendava prudência, para que visitas de Estado não fossem interpretadas como apoio a qualquer das facções que disputavam posições de poder dentro do governo.

A questão angolana não está de todo resolvida, mas os aspectos políticos que tornavam delicada uma eventual visita do presidente Fernando Henrique Cardoso àquele país estão superados. Em setembro venceu-se o prazo fixado no Acordo de Lusaka para que Jonas Savimbi assumisse uma das vice-presidências. O líder da Unita recusou-se a fazê-lo, alegando razões de sobrevivência pessoal e política e com isso se abriu uma nova etapa no processo político local.

O presidente Fernando Henrique Cardoso pode, portanto, iniciar sua curta jornada africana por Luanda. A visita, como dissemos, será política. Não há acordos importantes a discutir ou assinar. Há, isso sim, uma presença a afirmar em Angola, país que reúne condições para ser um dos mais importantes, econômica e politicamente, da África Austral, uma vez cessado o conflito que o infelicitava desde a independência. Na verdade, Angola já apresenta boas oportunidades de negócios para empresários e investidores brasileiros. O alargamento das janelas de oportunidade e sua transformação em verdadeiros eixos de expansão da economia brasileira dependem da natureza dos laços políticos que o governo brasileiro

conseguir consolidar e ampliar, nesta etapa delicada da vida angolana.

A indicação de um angolano para a secretaria-geral da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, em lugar de um brasileiro, já foi um gesto significativo. A presença de tropas brasileiras na missão de paz da ONU é outro fator importante. A esse propósito, é preciso salientar que o prazo de permanência do contingente brasileiro em Angola está se esgotando. A prorrogação da presença dos soldados brasileiros em Angola — ainda que isso represente um sacrifício adicional ao orçamento — é bem vista por Luanda e seria um instrumento a mais de afirmação da política brasileira para a África.

Em Pretória, o presidente Fernando Henrique Cardoso continuará uma visita essencialmente política. A África do Sul, a despeito do fim do apartheid, continua sendo a chave

para a estabilidade da África Austral. A transição para o regime democrático não se está fazendo sem grandes traumas e riscos e nunca será demais que o Brasil reafirme ao governo sul-africano a sua confiança no processo de incorporação da população negra à verdadeira cidadania, ao mesmo tempo que os direitos da população branca minoritária são respeitados.

A África do Sul vive momentos difíceis. Registram-se repetidos incidentes, em função dos quais muitas famílias brancas já estão deixando o país. O

presidente Mandela, que é o elemento de moderação do processo — graças à sua origem tribal aristocrática, ao seu passado de resistência e ao seu carisma —, está doente e prepara a sucessão. No próximo ano, ele deixará a presidência de seu partido, o Congresso Nacional Africano, para abrir caminho para as novas gerações de políticos. Enquanto isso, a população negra descobre que liberdade não é sinônimo de afluência e prosperidade e se exaspera. Se o governo sul-africano conseguir reduzir as tensões sociais e políticas a um nível aceitável e, ao mesmo tempo, desenvolver seu programa de ajuste econômico, a África do Sul se afirmará como o pivô político da África Austral e, sendo a economia mais dinâmica e industrializada da região, constituirá o parceiro estratégico óbvio para a expansão dos interesses brasileiros na África, em nível bilateral, ou por meio do Mercosul.



■ Antonio Carlos Pereira é editorialista do "Estado"

Há uma presença a afirmar em Angola, país que poderá ser um dos mais importantes da África Austral